



MIGRANTES PERAMBULOS: Vendedores de Praia no RS/Brasil¹

Sheila Kocourek^{2*}
Ivaldo Gehlen^{3**}

INTRODUÇÃO

Este texto se insere na discussão sobre identidades sócio-cultural e sócio-profissional dos trabalhadores migrantes que, anualmente, deslocam-se das regiões nordeste e centro-oeste para o sul do Brasil para comercializar redes, roupas e assemelhados no verão junto aos veranistas do litoral norte do RS. Trata-se de um estudo exploratório e, portanto consiste na análise de constatações empíricas, bem como no direcionamentos para estudos mais aprofundados.

Este tema chamou a atenção dos pesquisadores justamente pela quantidade de vendedores que migram anualmente das regiões centro-oeste e nordeste para o litoral do Rio Grande do Sul, e contraditoriamente poucos são os aspectos teóricos e empíricos, que atestam para a diversidade, significados e implicações deste grupo social. Como eixo de reflexão a partir da caracterização desta população, estão as experiências de mobilidade social, migração e territorialização vivenciadas por este grupo social.

Este artigo está organizado de modo a demonstrar a problemática de pesquisa, metodologia do estudo, apresentação de conceitos, análise de dados quanti-qualitativos e considerações finais.

1. O LOCAL DO ESTUDO

O texto *Migrantes Perâmbulos: Vendedores de Praia no RS*, analisa trajetórias e identidades de migrantes sazonais que criam identidade sócio-profissional de vendedores de

¹ Os autores agradecem a colaboração de **Iara Kunde Dickel**- Especialista Ciência Política; **Bruna Anhaia** - Mestranda Sociologia, UFRGS; **Gabriela Blanco** - Mestranda Sociologia, UFRGS; **Liziane Giacomelli da Cunha** - Mestranda Serviço Social, PUCRS; **Thays Moss**- Mestranda Sociologia, UFRGS.

² **Sheila Kocourek**, Bacharel em Serviço Social (PUCRS), Mestre e Doutora em Serviço Social (PUCRS), Professora do Curso de Serviço Social da UFSM. sheilakocourek@unipampa.edu.br

³ **Ivaldo Gehlen** Bacharel em Ciências Sociais (PUCRS), Mestre em Sociologia (UFRGS), Doutor em Sociologia Universidade Paris X - Nanterre (França), Professor do Departamento de Sociologia, do PPG em Sociologia e do PPG em Desenvolvimento Rural da UFRGS. Ivaldo@ufrgs.br



redes, de roupas e assemelhados no litoral norte do RS, migrantes sazonais regulares, de Paraíba, do Norte de Minas e de Goiás. As especificidades são consolidadas ano a ano e se inspiram nas identidades de origem. Nas condições e modos de vida bem como nas identidades sócio-profissionais e sócio-culturais de vendedores ambulantes: de redes, de roupas e de outros utilitários pessoais. Destino da migração anual: litoral norte gaúcho, entre Balneário Pinhal e Torres, trecho de cerca de 120 km. O estudo foi realizado em parceria entre um sociólogo, pesquisador do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e uma Assistente Social, pesquisadora do Centro de Ciências Sociais e Humanas - Curso de Serviço Social - da Universidade Federal de Santa Maria, RS.

O primeiro passo foi a busca de informações acerca desses vendedores, sobre os quais não há produção acadêmica, nas Prefeituras Municipais de Arroio do Sal, Balneário Pinhal, Capão da Canoa, Cidreira, Torres e Tramandaí. O contato inicial deu-se com servidores das Secretarias de Turismo, da Indústria e Comércio e da Fazenda. As secretarias reconhecem a existência desses vendedores pelos Alvarás, renováveis anualmente e/ou pelas apreensões de produtos de venda, por irregularidades legais.

A regulação e controle destes vendedores dá-se de maneira particular em cada município, tanto no que diz respeito à emissão de alvarás, quanto no processo de fiscalização da atividade, bem como no valor das taxas para expedição do alvará, variando de meio salário mínimo (Balneário Pinhal) até dois e meio salários mínimos (Torres).

Observou-se que existem dois grupos de vendedores: aqueles que comercializam redes e produtos derivados (redeiros), são originários do nordeste, especialmente do estado da Paraíba. Os vendedores de vestuário (cangas, vestidos, chapéus, calção, biquínis) vem do estado de Goiás e de Minas Gerais (região Norte).

Cada um destes dois grupos organiza-se de forma diferenciada, os redeiros chegam ao sul agenciados por um “patrão”, permanecem alojados coletivamente independente de parentesco, normalmente em grupos mais numerosos. Os vendedores de roupas constituem-se de grupos familiares que ficam alojados em casas alugadas e em grupos menos numerosos. Entretanto ambos os grupos tem em comum a experiência de migração interna e temporária, o que em última instância incidindo na manutenção do sentimento de pertencimento a seu território de origem.



Verificou-se, inicialmente, que na ótica da Prefeitura os vendedores, em geral, não contribuem de forma significativa com a economia local, a exceção dos Municípios de Balneário Pinhal e Cidreira. A Prefeitura executa a fiscalização do trabalho dos vendedores para garantir que todos façam de maneira legalizada. Este dado é relevante quando cruzado com a observação que os vendedores tem do seu papel nestes lugares de reterritorialização.

Mediante as primeiras constatações elaborou uma pesquisa de cunho exploratório na perspectiva primeira de gerar conhecimento das trajetórias, das representações, das demandas, dos sonhos, das dificuldades e das críticas dessa população, sendo estes dados fundamentais para analisar qualitativamente o seu modo de vida ou seu “mundo” e as suas representações. Levantou ainda informações e dados para compreender as estratégias e formas de sobrevivência empreendidas “na praia” por cada um ou por grupos, bem como a pertinência de estudos complementares.

O estudo se caracteriza como diagnóstico descritivo analítico, com base em dados quantitativos e qualitativos. Para isto as técnicas utilizadas foram: 1) observação participante junto à população estudada; 2) cento e cinco entrevistas por questionário estruturado com questões abrangentes (respostas induzidas e espontâneas) sobre as condições de vida, as representações e as aspirações, aplicados por amostragem; 3) entrevistas semi-estruturadas através de roteiro com informantes qualificados constituídos por funcionários de prefeituras e com a população estudada explorando as histórias de vida; 4) dados e informações disponíveis em bancos de dados, Internet e fontes bibliográficas.

As entrevistas semi-estruturadas em profundidades combinaram métodos etnográficos e sociológicos, iluminando o que não é objeto de generalização. Os dados qualitativos sobre a situação do universo estudado estão em análise á luz dos dados de representação estatística, podendo ser tomados como exemplares para a compreensão do “campo de possibilidades”, a partir dos quais os entrevistados “guiam suas opções” e/ou a elas são impelidos. Esse material fornecerá elementos para a compreensão das formas de sobrevivência por cada um, das expectativas e ações dos entrevistados para mudar ou não sua situação, colocando-se nesse horizonte a relação com as entidades públicas.



2. O SUJEITO DO ESTUDO

A categoria Perâmbulos praianos, que identifica os vendedores de produtos diversos nas praias, junto à turistas de verão, sem estabelecimento fixo, não pode ser substantivada, reificada ou considerada em termos absolutos. Ela deve ser analisada em termos relativos, como parte de um todo, sendo que é na relação com este todo que ela se define. Essa identificação é vivida na relação com o outro: seus pares, as instituições e a sociedade em geral. Nessa perspectiva a noção se aproxima do que propunha Georg Simmel, no início do século XIX: ela “é, não somente relativa, mas é também construída socialmente. Seu sentido é aquele que a sociedade lhe dá”⁴.

Com base nesse pressuposto, o sujeito da presente pesquisa é aquele identificado pela sociedade, pelas instituições, pelas organizações sociais e por seus próprios pares como sendo “vendedores ambulantes de praia” ou Perâmbulos Praianos, como preferimos batizá-los neste estudo. Isso não implica, por parte dos pesquisadores, numa adesão a tal designação, mas, ao contrário, permite-lhes ver a própria designação como um dado de pesquisa em vez de um pressuposto de pesquisa.

O sujeito, assim, é definido pela sociedade na qual exerce sua atividade, porém ao mesmo tempo, convive com suas próprias representações, auto-imagem, configurando como se percebe e constrói ou afirma sua identidade sociocultural e como constrói de forma mesmo que de forma ambígua, uma identidade, no caso ainda emergente, sócio-profissional.

3. IDENTIDADE SÓCIO-PROFISSIONAL E SOCIO-CULTURAL

O privilegiamento das análises dos processos sociais reais, os reconhece como inclusos, capazes de interferir, participar e construir espaço próprio através das ações de descoberta de ator coletivo, capaz de contribuir com o "fazer social".

Recentemente, as análises assumem a perspectiva globalizante, possibilitando integrar o específico com o geral, valorizando os processos sociais históricos (construção do social,

⁴ PAUGAM, S. et SCHULTEIS, F Introduction IN : SIMMEL, G. ‘Les Pauvres’, Paris : PUF Quadrige, 1998 (1908) p. 91.



formação dos atores sociais, sistemas de produção desenvolvidos, etc.) com objetivo de integrar o passado com o futuro na crítica do presente.

A Identidade sócio-profissional nos remete à condição de cidadania que por sua vez legitima a existência social referenciada globalmente pela noção de pertencimento à uma nação, ou mais recentemente à sociedade global. Global no sentido histórico de referenciar-se à uma determinada (aquela) totalidade social na qual cada um tem pertencimento, pelas normas estabelecidas. Opera-se uma “migração” do referencial local para o global. Por vezes esta migração se reveste de caráter nômade, impreciso, MS transeunte.

Por ser de direito público, a cidadania é regida por contrato negociado. A “moeda” de troca passa a ser o trabalho e o compromisso com os territórios que se constroem e reconstroem segundo os substratos vivenciados ou herdados.

A resposta esperada é a eficiência (nas atividades legitimadas, regradas) que impõe ordens de convivência – cada prefeitura contatada elaborou regras específicas – exigem qualidade ou qualificação para o exercício das atividades, responsabilidades ou autoridade, no caso representada pelos clã familiar ou pelos “patrões” entre os não familiarizados. Evidentemente, que ao migrar para este mundo competitivo, surgem conflitos e riscos, no caso o da disputa pelo território, mediado pela afirmação de identidades socioculturais que temperam a presença e o produto simultaneamente. Emerge, aparentemente o Perambulo Praiano ou vendedor de praia (de areia, como alguns se referem).

Se a família deixa de ser a referência central, quem ou o que a substitui? A relação capitalista ou a cooperação solidária?

A análise dos desafios, das potencialidades, dos fracassos, dos sonhos (por vezes utópicos) e das esperanças dos engajados, leva-nos a concluir que um novo social está em gestação. O desafio é desvendar e perscrutar! O tempero é coletado das identidades sócio-culturais que representam, a partir de suas origens.

O migrante carrega consigo diversas possibilidades e diversidades em relação ao espaço que ele irá ocupar, mas também daquele que ele deixou, mesmo que o processo de migração seja temporário, o perambulo praiano necessariamente, ao chegar no sul, deverá re-territorializar-se, ainda que provisoriamente, e preferencialmente manterá vínculos com suas redes sociais de origem e tentará empreender novas redes de solidariedade.

O deslocamento para o RS dá-se através de ônibus para quase metade (46,7%). O restante distribui-se entre Veículo próprio (16,2%), Caminhão (15,2%), normalmente os que transportam as mercadorias, avião (13,3%). Os demais usam camionete ou outro meio não especificado.

Dos entrevistados, vendedores de areia, cerca DE 60% possuem idade entre 18 e 33, poucos acima de 40 anos. A escolaridade é relativamente baixa, sendo 60% não concluintes do fundamental e alguns poucos possuem nível superior. A grande maioria (90%) permanece nas praias gaúchas por no máximo quatro meses por ano, sendo que cerca de dois terços permanecem até ou menos de três meses, entre dezembro e março.

Em relação ao estado civil pouco mais da metade (53,3%) declarou ser casado e 44,8% declarou ser solteiro. Constatou-se que muitos estão acompanhados do(a) companheiro(a) na atividade. Os migrantes temporários têm origem ou moradia fixa e consideram seu “lôcus” de vida

Muito distante geograficamente das praias em que trabalham no verão os Vendedores mantém suas residências e referências de pertencimento local da maneira geral nos mesmos municípios de nascimento e, portanto, Estado. Dos entrevistados, pouco mais de um terço se originam de Minas Gerais (norte do Estado) e outro terço da Paraíba, sobretudo de São Bento e quase um quinto de Goiás.

Tabela 1: Estado de moradia do entrevistado

Estado de Moradia	Frequência	%
BA	1	1,0
GO	18	17,1
MG	39	37,1
PB	37	35,2
RN	2	1,9
RS	4	3,8
SP	4	3,8
Total	105	100,0

Fonte: Perâmbulos Praianos, 2011

A presença feminina é relativamente elevada (24,5%), considerando as condições objetivas da atividade, ou seja, deslocamentos, esforço físico, condições de alojamento, etc. É mais expressiva entre os vendedores de roupas, muitas relativamente jovens, menos de 20 anos. A atividade, pouco visível fora das areias de praias, não é nova, pois cerca de um quarto dos

entrevistados está realizando esta tarefa a mais de 10 anos nas praias do Sul. Juntando com os que estão realizando esta migração a mais de cinco anos, soma cerca de 40%.

Tabela 2: Esteve vendendo nas praias do RS

Esteve vendendo nas praias do RS	%
Primeira vez	17,1
Duas vezes	14,3
De três a cinco vezes	29,5
De seis a dez vezes	15,2
Mais de dez vezes	23,8
Total	100,0

Fonte: Perâmbulos Praianos, 2011

Esta informação revela uma tendência à consolidação do tipo de atividade, portanto a construção de uma identidade sócio-profissional, latente, talvez ainda, mas juntando-se informações do restante do país, em afirmação e consistência.

Esta análise é corroborada pelas informações a respeito das ocupações dos vendedores no intervalo entre um verão e outro. Cerca de um terço deles continua na atividade de venda em outras cidades, no caso, a grande maioria fora do RS. Cerca de um quarto afirmou trabalhar em atividades agrícolas, em sua região de origem e o restante exerce atividades diversificadas, apontando para grande dispersão de respostas.

No entanto o ingresso na atividade apresenta-se para eles como uma oportunidade de mobilidade social ascendente e como uma forma de ganhar a vida que lhes dá mais satisfação. São poucos os que reconhecem uma situação pior hoje do que antes, em relação ao trabalho.

Tabela 3: Trabalho atividade hoje

Trabalho / atividade	Frequência	%
Melhorou	61	58,1
Ficou Igual	26	24,8
Piorou	15	14,3
Não sabe	3	2,9
Total	105	100,0

Fonte: Perâmbulos Praianos, 2011

Entenda-se que trabalho é conceito não necessariamente concensuado, mas atribuído pelo entrevistado.

A identidade sociocultural nos remete à condição de existência privada, referenciada na relação com seu “modus vivendi” local. Privado, no sentido de referenciar-se à determinada (aquela) totalidade cultural na qual tem pertencimento. Cada um se define pela semelhança, pelos gostos, pelo cheiro, pelos hábitos, pensam de forma a se entenderem por gestos, meias palavras.

É nessa esfera que se expressa a identidade que demarca a diferença de um com o outro, o qual se referencia em identidade diferente. Os conflitos entre os diferentes ocorrem no dia-a-dia, no contexto da vida local ou de um território sócio culturalmente definido, seja pela afirmação, seja pela negação (no caso do universo estudado talvez seja mais pela negação do encontrado no local das vendas, reificando os valores identitários da origem. Nesta perspectiva o vendedor de redes, de roupas, de sacolas, de chinelos, etc. transforma sua identidade genérica – nordestina, redeiro, cigano - em específica, reconhecida socialmente pelos “banhistas” ou turistas pela condição profissional em simbiose com a condição tradicional (identidade sócio-cultural).

A análise das origens étnicas mostra uma relativa dispersividade. Predomina como esperado a luso-brasileira. O índice relativamente elevado de ascendência ou identificação com indígenas (18,1%, sendo que 9,5 % se auto-declarou indígena), mostra, aparentemente uma tentativa de busca de identidade específica. Baixo o índice de afro-brasileiros (5,7%), considerando-se os locais de origem. Cerca de um quinto (19%) não identifica sua etnia.

Tabela 4: Origem étnica do entrevistado (auto-resposta)

Origem Étnica	Frequência	%
Origem Étnica		
Indígena	10	9,5
Mista Luso - Brasileira e índio	9	8,6
Afro-brasileira	6	5,7
Mista Imigrante e índio	4	3,8
Mista: Luso-brasileira e imigrante	2	1,9
Mista/imigrantes (Alemã, italiana, polonesa...)	3	2,9
Outra	12	11,4
Não sabe ou não respondeu	20	19,0
Total	105	100,0

Fonte: Perâmbulos Praianos, 2011



A observação de campo mostrou a presença de ciganos, sobretudo oriundos de Goiás, porém o acesso a eles para entrevista foi prejudicado quer pela recusa, quer pelos locais que ocupam nas praias.

Os vendedores de rede, oriundos quase todos do mesmo local (São Bento, Paraíba) apresentam maior homogeneidade étnica.

4. MOBILIDADE SOCIAL

O conceito de mobilidade social auxilia a análise das condições e modos de vida dos perâmbulos. Entende-se mobilidade social como o movimento de indivíduos e grupos de um estrato social a outro, de uma posição de classes ou *status* a outro, ou mesmo como uma mudança de ocupação ou profissão. Em qualquer desses casos, a mobilidade social implicará o deslocamento entre posições socioeconômicas diferentes. Essa mobilidade pode ser observada de modo individual ao longo da vida de uma única pessoa, ou pode ser vista de modo coletivo, como a mobilidade realizada por uma família, por um grupo social, por uma sociedade ou totalidade.

Estima-se que para os sujeitos estudados, as transformações em curso na vida deles induzem a um processo de mobilidade social, ou seja, de mudança na condição de classe, o que vale dizer de mudança, mesmo que em processo lento, da condição social de origem para uma condição social nova no sentido de ocupar posição diferente na sociedade local. Entretanto os indivíduos e grupos sociais vivenciam essas mudanças em ritmos diferentes, segundo fatores específicos que contribuem para que essa mobilidade social aconteça.

Fica evidente, na comparação de ocupações geracionais, que em uma geração, ou seja de pais para filho há forte tendência de mudança de atividade. Apenas 12,4 dos pais dos entrevistados exerciam atividade comercial e quase metade (46,7%) exerciam atividade agropecuária. A maioria destes eram agricultores de tipo familiar. Neste caso herdaram alguma experiência de contato com comércio.

Tabela 5: Principal atividade do pai do entrevistado

Atividade pai	Frequência	%
Agropecuária	49	46,7



Industria	5	4,8
Comércio	13	12,4
Construção Civil	11	10,5
Outro	25	23,8
NS/NR	2	1,9
Total	105	100,0

Fonte: Perâmbulos Praianos, 2011

Outro indicador de mobilidade é a mudança patrimonial familiar, considerando-se bens permanentes, segundo a ótica do entrevistado. Neste sentido e considerando-se que a maioria dos vendedores são jovens e estão a pouco tempo na atividade, pode-se considerar que os 42,9% que aumentaram o patrimônio nos últimos anos representam um estímulo para outros ingressarem na atividade. Apenas 7,6% respondeu que diminui o patrimônio, sem especificar seu significado.

Outro indicador de mobilidade funda-se no conceito de qualidade de vida. Cerca de dois terços (71,4%) considera que melhorou sua qualidade de vida nos últimos anos e menos de cinco por cento considera que piorou. Analisando o conjunto das respostas percebe-se uma clara melhoria na alimentação, na saúde, nas relações sociais e para quase metade também no patrimônio familiar.

Tabela 6: Qualidade de vida hoje, em relação a cinco anos

Qualidade de Vida	Frequência	%
Melhorou	75	71,4
Ficou Igual	24	22,9
Piorou	5	4,8
Não sabe	1	1,0
Total	105	100,0

Fonte: Perâmbulos Praianos, 2011

A renda familiar passou por mudança parecida com a qualidade de vida, sendo 65,7 % declarantes de que melhorou e menos de sete por cento (6,7%) que informou ter piorado.

Fica bastante evidente que com tantos indicadores positivos de mobilidade ascendente fortifica-se a tendência de construção de identidade profissional de vendedor migrante.

5. MIGRAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA



O conceito de movimento migratório e territorialização são utilizados como auxiliares para compreender a motivação dos sujeitos em deslocarem-se das regiões de sua origem ao sul do Brasil.

Entende-se movimento migratório todo o deslocamento de um expressivo contingente populacional entre duas regiões, tendo como justificativa para seus deslocamentos motivos variados, mas, fundamentalmente, parte de seu hábitat original em busca de condições que melhor lhe assegurem a sobrevivência. Essas condições mais favoráveis das novas áreas, bem como causas repulsivas das regiões de origem dos grupos migratórios, são, muitas vezes, temporárias, o que confere às migrações um caráter cíclico, ou sazonal.

Alguns deslocamentos são migrações de caráter definitivo, nos quais, uma vez deslocado, o grupo jamais retorna à região original, entretanto não é a realidade dos sujeitos estudados. Também não serão consideradas as migrações individuais que podem ser determinadas por motivos muito particulares, que não se constitui objeto do estudo.

O tipo de migração observado entre os perâmbulos praianos são as inter-regionais, visto que acontecem de uma região mais pobre, onde a oferta de empregos é menor, para uma região mais rica ou que está sendo procurada no momento por apresentar melhores ofertas de trabalho ou outras oportunidades. Além disso, são migrações do tipo sazonais ou “pendulares” que ocorrem periodicamente de acordo com a estação do ano (veraneio) ou em períodos específicos, como eventos, festas/feiras.

Vinculado ao conceito de território, estão os conceitos de desterritorialização e reterritorialização, para os ricos, é uma experiências de uma mobilidade “opcional”. Enquanto isto, para os mais pobres, a desterritorialização como sinônimo de insegurança e aposta, em que a mobilidade é compulsória [quando lhes é dada como opção], resultado da total falta de (...) alternativas, de “flexibilidade”, em “experiências múltiplas” imprevisíveis em busca da simples sobrevivência cotidiana (HAESBAERT, 2005b, p. 39).

Como eixos de análise, os autores consideram a tendência de globalização e aceleração da migração mencionando também a diferenciação, a feminização e a politização dos migrantes. Diversidade étnica, racismo, multiculturalismo são temas que devem ser tratados de forma conjunta como efeito da distinção entre a população receptora e a população imigrante, freqüentemente visto como estrangeiro ou quase cidadão;

Esse processo de (re)territorialização resultante do estranhamento e envolvimento com o

cidadão local pela migração sazonal, forja o sentimento de pertencimento a uma sociedade global, ao mesmo tempo que desperta a consciência para outras formas de pensar e de viver. Os encontros com outros cidadãos, com fiscais, com a polícia, com os órgãos de gestão pública das cidades onde vendem lhes possibilita redimensionar sua cidadania. A incorporação de valores “novos” alteram seus hábitos de vida e sua maneira de pensar, de representações. No trato com os compradores, no caso do RS, a quase totalidade é turista, provindo de outras cidades, portanto também “migrantes temporários”, em férias ou em finais de semana, se estabelecem diálogos e trocas de conceitos, de gestos e de valores que proativam uma dimensão da cidadania que ultrapassa os direitos e deveres formais, criando uma dimensão universalizante positiva. No olhar do vendedor o tratamento recebido dos “turistas” de praia (comprador) é muito boa (25,7%) ou boa (50,5%), portanto para mais de dois terços a experiência de convívio social e relação entre cidadão é enriquecedora enquanto tal.

Diferente é o contato ou estranhamento com representantes das prefeituras, no caso principalmente os fiscais, quase um quinto consideram péssimo e menos de 50% o consideram bom ou muito bom.

Tabela 7: Tratamento dos fiscais

Trato dos fiscais	Frequência	%
Muito Bom	5	4,8
Bom	44	41,9
Regular	12	11,4
Ruim	15	14,3
Péssimo	25	23,8
NS/NR	4	3,8
Total	105	100,0

Fonte: Perâmbulos Praianos, 2011

Em relação à polícia, de maneira geral o sentimento se assemelha ao relativo aos turistas, ou seja dois terços consideram muito bom ou bom. Apenas 2,9% o consideram péssimo.

Pelos dados pode-se concluir que há de fato uma interação de cidadania que interfere nas representações do outro e, portanto de si mesmos. Apresentam dificuldade no trato com os órgãos de controle da atividade inverso daquele com os de controle da ordem social.

Por fim um indicativo importante da ressignificação da vida, resultante do processo migratório é o processo decisório de escolha, seleção e qualificação para a atividade. As razões

apontadas para a escolha da atividade e da migração para as praias do Sul são variadas, como mostra a tabela. Dentre elas está a de melhorar ganho financeiro (23,8%), atraído por familiares (21,0%) e por gosto da atividade (19%).

Tabela 8: Porque ou como entrevistado veio parar nesta atividade

Motivo escolha profissão	Frequência	%
Não ter outra profissão	13	12,4
Desempregado	6	5,7
Porque a família está envolvida com esta atividade	22	21,0
Porque gosta / opção	20	19,0
Não tem apoio familiar para outra atividade	1	1,0
Trabalho anterior sem perspectivas/ganho insuficiente	25	23,8
Outro	18	17,1
Total	105	100,0

Fonte: Perâmbulos Praianos, 2011

As influências para a decisão de escolha da atividade têm forte marca familiar (50,5%) ou de pessoas de sua relação (41,9%), somente 4,8% foram agenciado por empresa ou “patrão”. Estas mesmas características são visíveis em estudos anteriores sobre processos migratórios no Brasil (Oliveira, Januzzi, 2005), os quais mostram elevada incidência de migração, entre jovens especialmente, que acompanham familiares e/ou cônjuge/companheiro.

Os laços interpessoais estimulam as migrações a não raro os atores sociais constituem redes (seja pelo parentesco, ou amizade, ou poder de trocas simbólicas, ou reciprocidade entre outras) facilitando o processo. Observou-se que entre os entrevistados 87% referiu que não estava sozinho vendendo na praia, estando acompanhados por cônjuge, demais familiares ou amigos. Este dado corrobora com os de influência na escolha e quem aprenderam ou treinaram para ser vendedor, a grande maioria com familiares ou amigos.

Considerando-se a perspectiva da rede social nos fluxos migratórios, quando questionados sobre se os vendedores estabelecem relações de amizade com os veranistas, a maioria (83%) manifestou-se dizendo que sim.

Este dado é consubstanciado na tabela a seguir, na qual revela-se que a atividade laboral dos vendedores é, em geral, apazível, visto que somente 7,6% refere não gostar do que faz. O sentimento de que são bem tratados (afetividade dos clientes) ganha destaque, visto que 26% manifestam ser o que mais gosta na atividade.



Tabela 9: O que mais gosta na sua atividade

Mais gosta na atividade	Frequência	%
A afetividade / trato dos clientes	27	26,2
A possibilidade de conhecer lugares diferentes	21	20,0
O lucro	16	15,2
A independência / liberdade	10	9,5
Não gosta desta atividade	8	7,6
Companheirismo/amizade com colegas vendedores	6	5,7
Outro	17	15,7
Total	105	100,0

Fonte: Perâmbulos Praianos, 2011

Neste contexto cumpre mencionar que, para além dos fatores objetivos como busca de oportunidades/renda, as migrações ocorrem motivadas por fatores subjetivos a exemplo do anteriormente mencionado, como acompanhamento dos familiares na atividade, sentimentos positivos com relação ao local que estão trabalhando (afetividade dos clientes, amizades emergentes), bem como o desejo de conhecer lugares novos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou trazer elementos empíricos das identidades sócio-cultural e sócio-profissional dos trabalhadores migrantes que, anualmente, deslocam-se das regiões nordeste e centro-oeste para o sul do Brasil para comercializar redes, roupas e assemelhados no verão junto aos veranistas do litoral norte do RS.

Este tema é pouco explorado e, portanto, os achados até aqui reunidos apontam para a necessidade de aprofundamentos teóricos e empíricos. Verificou-se, observada a diversidade e implicações deste grupo social, que os mesmos têm experienciado mobilidade social ascendente, migração sazonal de repetição e processos de re-territorialização. Os dados já revelem um perfil consistente das condições e modos de vidas, bem como de uma identidade sócio-cultural e sócio-profissional em conformação, na medida em que estes sujeitos reconhecessem-se como parte de um grupo que vive e mantém-se com o resultado de um trabalho, forjando uma identidade composta por características da sua cidade de origem mesclada com a realidade encontrada nas praias do Rio Grande do Sul.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina



BIBLIOGRAFIA

- DAHRENDORF, Ralf. O conflito social moderno um ensaio sobre a política da liberdade. Rio de Janeiro : Zahar / EDUSP, 1992.
- DUTRA, Luciano Vieira. A rede da rede: trabalho, sociabilidade e territorialidade dos vendedores de redes de dormir de Brejo do Cruz-PB. João Pessoa: UFPB/PPGGeografia, 2007
- Eva Alteram Blay
- FAZITO, Dimitri. Dois aspectos fundamentais do “retorno”: símbolos e topologias dos processos de migração e sua circularidade In: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/4EncNacSobreMigracao/ST4-1.pdf>
- GEHLEN, Ivaldo. Identidade estigmatizada e cidadania excluída: a trajetória cabocla. In Zarth, P. A. et al. Os caminhos da exclusão social. Ijuí: UNIJUI, 1998, pp.121-141.
- GOFFMAN, E. Estigma. R. J. Zahar, 1975.
- GOFFMAN, Ervin. Estigma: notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar,1976 (4ª ed).
- MARTINS, José de Souza. O problema das migrações no limiar do terceiro milênio. In: O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio. Petrópolis, Vozes, 1998.
- MONDARDO, Marcos Leandro. Raízes na Migração Des-Re-Territorialização e Redes Sociais. Universidade Federal da Grande Dourados MT. In www.bocc.uff.br/pag/bocc-mondardo-raizes.pdf
- OLIVEIRA, Kleber F.; JANUZZI, Paulo M. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste. São Paulo: Revista São Paulo em Perspectiva, v.19, n.4, p. 134-143, out/dez, 2005
- OURIQUES, Helton Ricardo. A mobilidade: característica do homem moderno. Turistas e trabalhadores de verão no litoral brasileiro In 13 mar 2011: <http://ecoviagem.uol.com.br/fique-por-dentro/artigos/turismo/turistas-e-trabalhadores-de-verao-no-litoral-brasileiro-1329.asp>.
- PAUGAM, S. et SCHULTEIS, F Introduction IN : SIMMEL, G. ‘Les Pauvres’, Paris : PUF Quadrante, 1998 (1908) p. 91
- SAYAD, Abdelmalek. A Imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo, Edusp, 1998
- SIMMEL, G. ‘Les Pauvres’, Paris : PUF Quadrante, 1998 (1908).
- ZARTH, Paulo Afonso; BONETI, Lindomar Wessler. Os caminhos da exclusão social. Ijuí, Ed. Unijuí, 1998.